

I CONGRESO IBEROAMERICANO DE DOCENTES

CONGRESO VIRTUAL DEL 26 NOVIEMBRE AL 08 DICIEMBRE DE 2018

ALGECIRAS (CÁDIZ) DEL 06 AL 08 DICIEMBRE DE 2018

Actas del Congreso Iberoamericano de Docentes

Estágio supervisionado em educação infantil:
experiências de ser aluna estagiária

Thais de Jesus Bastos

Marcelo Torreão Sá

ISBN: 978-84-948417-0-5

Edita **Asociación Formación IB.**

Coordinación editorial: **Joaquín Asenjo Pérez, Óscar Macías Álvarez, Patricia Ávalo Ortega y Yoel Yucra Beisaga**

Año de edición: **2018**

Presidente del Comité Científico: **César Bernal.**

El I Congreso Iberoamericano de Docentes se ha celebrado organizado conjuntamente por la Universidad de Cádiz y la Asociación Formación IB con el apoyo del Ayuntamiento de Algeciras y la Asociación Diverciencia entre otras instituciones.

<http://congreso.formacionib.org>



red
iberoamericana
de docentes



formaciónib))

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS DE SER ALUNA ESTAGIÁRIA

Thais Jesus Bastos¹

Prof. Ms. Marcelo Torreão Sá²

O Estágio supervisionado pode ser considerado como um momento que possibilita ao aluno estagiário obter um contato mais íntimo com um dos seus campos de atuação, a escola. Constituindo-se como um momento político e dinâmico, no qual o aluno é colocado frente à tomada de decisões a partir da realidade posta. Deste modo, por meio do relato das experiências na disciplina obrigatória de estágio em Educação Infantil ofertada no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB Campus 1 Jequié, o presente trabalho apresenta reflexões sobre o estágio supervisionado e a experiência de ser aluna estagiária. Ademais, o compartilhamento de experiências sobre o processo de estágio, possibilita futuras discussões acerca do modo como as diferentes universidades estão trabalhando com a disciplina de estágio nos cursos de pedagogia.

Palavras-chave: Educação Infantil. Estágio. Experiências.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência surgiu através dos momentos vividos durante o cumprimento do estágio obrigatório da disciplina Estágio em Educação Infantil, ofertada no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Jequié-Ba/Brasil. E tem como objetivo apresentar reflexões sobre o estágio supervisionado e a experiência de ser aluna estagiária, o referido Estágio foi delimitado

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Hermenêuticas sobre Família, Territórios, Identidades e Memórias (GEHFTIM). E-mail: bastothais43@gmail.com

² Professor do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Membro do Grupo de Estudos Memória, Trabalho e Educação (NEMTrabE). E-mail: martorreao@gmail.com

em algumas etapas específicas: observação da escola, coparticipação, diagnóstico, regência e elaboração do relatório, totalizando uma carga horária de 135 horas.

Esta pesquisa foi desenvolvida com base na abordagem qualitativa e tendo princípios da pesquisa etnográfica. Conforme Marli André (2002, p.41), “a pesquisa do tipo etnográfico, que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária”. Assim sendo, possibilita ao pesquisador conhecer mais de perto o seu campo de pesquisa contribuindo assim para um olhar mais aguçado em torno do seu objeto de pesquisa.

Dessa forma, o estágio não pode ser considerado como um simples momento de treinamento das habilidades profissionais, mas como um momento de pesquisa que necessita de um olhar minucioso do estagiário/pesquisador. Este relato de experiência, contribui para o aprimoramento do perfil pedagógico do aluno estagiário quanto pesquisador da sua própria práxis. Além disso, o compartilhamento de experiências sobre o processo de estágio, possibilita futuras pesquisas acerca do modo como se concretiza esta disciplina de estágio no curso de Pedagogia, tomando por base as experiências dos próprios alunos.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O Estágio supervisionado pode ser considerado como um momento que possibilita ao aluno estagiário obter um contato mais íntimo com um dos seus campos de atuação, a escola. De acordo com Pimenta e Lima (2004, p. 13), “Pimenta e Gonçalves (1990) consideram que a finalidade do estágio é a de propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará.” Constituindo-se como um momento político e dinâmico, no qual o aluno é colocado frente à tomada de decisões, contradições contra si próprio, questionando e refletindo sobre a realidade posta, através, da “relação dialética, de compreensão das particularidades e contradições que envolvem o trabalho docente”. (CARVALHO, 2013, p. 323), pois o mesmo é único e ao mesmo tempo dinâmico. Nesta perspectiva, Pimenta (2004, p.43) afirma que:

No estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional.

A inserção do aluno estagiário na escola, possibilita para o mesmo, estar em contato com a realidade e ao mesmo tempo refletir sobre as teorias estudadas durante o curso. Portanto, se tornando um espaço de conflito entre ambas e ao mesmo tempo, um espaço para a formação de novos olhares a partir da realidade vivida. Deste modo, o estágio pode ser considerado como um dos momentos de práxis do curso de Pedagogia, pois segundo a definição de Vázquez (1990), a práxis é “[...] atividade teórica e prática que transforma a natureza e a sociedade; prática, na medida em que a teoria, como guia da ação molda a atividade do homem [...] teórica, na medida em que esta relação é consciente” (VÁZQUÉZ, 1990, p. 117). Sendo assim, a ação dos alunos estagiários na escola-campo, devem ser guiadas de acordo com as teorias estudadas no decorrer do curso, de modo que tenha uma consciência de suas ações, as quais devem ser objetivas e intencionais.

Vale ressaltar que, quando se fala em prática pedagógica não deve-se considerar apenas como o ato de ‘dar aulas’. Inclui-se o ato de observar para intervir, planejar, avaliar, etc., pois os mesmos, também compõem a ação docente, e se

consolidam como papel fundamental na formação do profissional, além de diversas outras ações que estão interligadas com as ações docentes.

Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 2015, p. 68)

Colocar-se em abertura ao risco e à aventura do espírito é um ato de coragem, e esses são uns dos requisitos que o estágio pressupõe. Pois, a todo momento, ocorre o esperado, mas também o inesperado, visto que, estávamos lidando com pessoas, adultas e crianças, autônomas para agir e reagir de diferentes formas às nossas propostas de intervenção. Nos reafirmando que “toda prática educativa é um exercício de sociabilidade” (SEVERINO, 2003, p. 81). Deste modo, é preciso estarmos sempre dispostos a negociar com os outros, entre nós e com o nosso próprio interior, pois a escola é isso, um campo movido por relações humanas, por conflitos e escolhas. Severino (2003, p.81) aborda essas relações como algo ainda mais complexo do que aparenta ser, em suas palavras:

Na educação, não são estabelecidas apenas relações interpessoais simétricas entre indivíduos, mas relações propriamente sociais, ou seja, relações humanas atravessadas por coeficientes de poder, relações que se expressam como autênticas relações de poder, hierarquizando os indivíduos, relações que tecem e marcam a interação destes.

Além deste campo de poder, o mesmo sinaliza, três dimensões necessárias para o projeto de formação de profissionais da educação: São as dimensões dos conteúdos específicos, a dimensão das habilidades técnicas e a dimensão das relações situacionais. Pensar para buscar compreender o estagiário imerso nesse campo de poder que é a escola, se faz necessário ressaltar a dimensão das relações situacionais, a qual nos diz:

A atividade do educador pressupõe, como necessidade ineludível, uma percepção clara e explícita das referências existenciais de todos os sujeitos que estão envolvidos no processo educacional. Essas referências dizem respeito, para os sujeitos, à compreensão de si mesmos, dos outros e de suas relações recíprocas, bem como de sua integração ao grupo social e à própria humanidade como um todo. (SEVERINO, 2003, p. 76)

Desta forma, a formação do estagiário se dar não apenas na relação com os alunos, mas com toda a comunidade escolar, sendo elementar a sua integração com os demais para um melhor desenvolvimento profissional. Certamente, “o período de estágio, ainda que transitório, é um exercício de participação, de conquista e de negociação do lugar do estagiário na escola” (PIMENTA e LIMA, 2004, apud BERNARDES e SOUZA, 2016, p.94). Portanto, o embate do estagiário com o professor regente não é o melhor caminho, pois ambos devem ser considerados como contribuintes para a formação inicial e continuada um do outro.

Como afirma Bernardes e Souza (2016, p.92):

Não considerar o professor regente, o qual enfrenta os desafios reais da sala de aula diariamente, o estagiário não estará recebendo uma formação por inteiro. Além de que, não perceber o profissional regente também como um formador de outros professores, pode vir a tornar ainda mais desprovida a

preparação desse estagiário e sua forma de atuação em sala de aula no futuro.

Pois, mesmo sem perceber, está se auto desvalorizando quanto futuro professor que ocupará o lugar de regente e estará recebendo outros estagiários. Neste sentido, o estágio nos exige saber diferenciar entre discordar da prática encontrada, e refletir sobre outros caminhos possíveis, ao invés de desconsiderar e criticar sem pensar outras possibilidades, e até mesmo, sem se colocar no lugar do outro, no seu processo de formação e nas suas trajetórias de vida. Deste modo, o estágio pode ser “um lugar onde o futuro professor seja capaz de refletir sobre sua formação e sua ação, e aprofundar seus conhecimentos e compreender o seu papel e o papel da escola na sociedade” (SOUZA e BERNARDES, 2016, p.94). Possibilitando ao aluno estagiário, colocar-se no lugar do professor regente para perceber a complexidade do fazer pedagógico, seus desafios e possibilidades, etc. E também, refletindo sobre o seu próprio processo de formação.

Além destes e outros fatores que perpassam pelo Estágio, existem fatores que são específicos do Estágio em Educação Infantil. Para que possamos compreender a complexidade das fases da infância, primeiramente, faz-se necessário desconstruir a concepção de criança como um vir a ser, um adulto em miniatura, passando a compreender a infância como uma categoria social do tipo geracional e criança como um sujeito ativo na sociedade (ANDRADE, 2010), portanto, sendo a criança um sujeito ativo, não se pode ter um padrão de ‘ser criança’ definido e definitivo, visto que existe uma diversidade de possibilidades que variam de acordo com cada época e cultura e também, à depender de cada criança em sua singularidade. Logo, existem crianças, plurais e singulares, não nos cabendo moldá-las segundo os nossos padrões, como afirma Andrade (2010, p.54):

‘Ser criança’ varia entre sociedades, culturas e comunidades, pode variar no interior da fratria de uma mesma família e varia de acordo com a estratificação social. Do mesmo modo, varia com a duração histórica e com a definição institucional da infância dominante em cada época.

Diante desta situação, é fundamental uma concepção pedagógica “[...] que entende os alunos como aprendizes ativos, tendo o professor o papel de criar condições favoráveis para a ampliação de seus conhecimentos e de incentivo para que se tornem aprendizes inquisitivos, criativos e críticos [...]” (CAMPOS, 1999, p. 137). Para que seu papel seja alcançado, exige-se do professor uma série de conhecimentos fundamentais. A partir desta perspectiva, “ao lado do domínio sobre os conteúdos, é preciso que o professor conheça muito bem a fase de desenvolvimento em que os alunos se encontram, suas características culturais, sociais, étnicas, de gênero, de qual realidade eles partem e como aprendem”. (CAMPOS, 1999, p. 137). Conhecimentos complexos que não são adquiridos dissociados da práxis educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio em Educação Infantil, se constituiu como um momento ímpar em minha formação, tive a oportunidade de vivenciar situações que me possibilitaram refletir sobre as minhas próprias ações, pensar caminhos possíveis e experimentar desafios, os quais me exigiram a existência de uma práxis pedagógica consciente, considerando a realidade encontrada e as experiências dos sujeitos presentes. Reconheço que assumir uma identidade de aluno estagiário foi uma experiência diferente. Pois, no momento do estágio, além de observar e apontar caminhos, tive o papel de trilhar o percurso para as possibilidades, saindo da zona do discurso pelo discurso e

caminhando para a reflexão -ação- reflexão. Deste modo, para além de julgar erros e acertos de terceiros, tive o papel de agir segundo concepções teóricas e metodológicas. Me colocando frente à um amadurecimento, pois pude enxergar de perto e sentir literalmente, alguns dos desafios da educação, especificamente na educação de crianças.

REFERÊNCIAS

Andrade, Lucimary Bernabé Pedrosa de (2010). Tecendo os fios da infância in: Educação Infantil: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Cultura Acadêmica.

André, Marli Eliza Dalmazo Afonso de (2002). Etnografia da prática escolar. Ed.8. Campinas: Papirus.

Campos, Maria Malta (1999). A formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em debate. Educação e Sociedade, Campinas, SP, v. 20, n. 68, p. 126-142, dez.

Carvalho, S. R (2013). O estágio supervisionado da teoria à prática: reflexões a respeito da epistemologia da prática e estágio com pesquisa, a luz da pedagogia histórico-crítica. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, n. 52, p. 321-339, set.

Freire, Paulo (2015). Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Pimenta, S e Lima, M (2004). Estágio e Docência. 2. ed. São Paulo: Cortez.

Severino, Antônio J (2003). Preparação técnica e formação ético-política dos professores. In: Barbosa, R. L. L. (Org.). Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, p. 71-89.

Souza, R. Bernandes, M (2016). Os professores regentes frente aos estágios supervisionados: contribuições e desafios deste profissional. Geosaberes, Fortaleza. v. 7.

Vasquez, A. S(1990). Filosofia da práxis. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA- UESB
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS DE SER ALUNA ESTAGIÁRIA

Bastos, Thais Jesus - (UESB/GEHFTIM)

bastosthais43@gmail.com

RESUMO

O Estágio supervisionado pode ser considerado como um momento que possibilita ao aluno estagiário obter um contato mais íntimo com um dos seus campos de atuação, a escola. Constituindo-se como um momento político e dinâmico, no qual o aluno é colocado frente à tomada de decisões a partir da realidade posta. Deste modo, por meio do relato das experiências na disciplina obrigatória de estágio em Educação Infantil ofertada no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB Campus 1 Jequié, o presente trabalho apresenta reflexões sobre o estágio supervisionado e a experiência de ser aluna estagiária. Ademais, o compartilhamento de experiências sobre o processo de estágio, possibilita futuras discussões acerca do modo como as diferentes universidades estão trabalhando com a disciplina de estágio nos cursos de pedagogia.

Palavras-chave: Educação Infantil. Estágio. Experiências

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência surgiu através dos momentos vividos durante o cumprimento do estágio obrigatório da disciplina Estágio em Educação Infantil, ofertada no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Jequié-Ba/Brasil. E tem como objetivo apresentar reflexões sobre o estágio supervisionado e a experiência de ser aluna estagiária, o referido Estágio foi delimitado em algumas etapas específicas: observação da escola, coparticipação, diagnóstico, regência e elaboração do relatório, totalizando uma carga horária de 135 horas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida com base na abordagem qualitativa e tendo princípios da pesquisa etnográfica. Conforme Marli André (2002, p.41):

A pesquisa do tipo etnográfico, que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária.

Dessa forma, possibilita ao pesquisador conhecer mais de perto o seu campo de pesquisa contribuindo assim para um olhar mais aguçado em torno do seu objeto de pesquisa.

Orientador: Prof^o Ms. Marcelo Torreão Sá- (UESB/NEMTrabe)

martorreao@gmail.com

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Estágio supervisionado pode ser considerado como um momento que possibilita ao aluno estagiário obter um contato mais íntimo com um dos seus campos de atuação, a escola. De acordo com Pimenta e Lima (2004, p. 13), “Pimenta e Gonçalves (1990) consideram que a finalidade do estágio é a de propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará.” Constituindo-se como um momento político e dinâmico, no qual o aluno é colocado frente à tomada de decisões, contradições contra si próprio, questionando e refletindo sobre a realidade posta, através, da “relação dialética, de compreensão das particularidades e contradições que envolvem o trabalho docente”. (CARVALHO, 2013, p. 323), pois o mesmo é único e ao mesmo tempo dinâmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio em Educação Infantil, se constituiu como um momento ímpar em minha formação, tive a oportunidade de vivenciar situações que me possibilitaram refletir sobre as minhas próprias ações, pensar caminhos possíveis e experimentar desafios, os quais me exigiram a existência de uma práxis pedagógica consciente, considerando a realidade encontrada e as experiências dos sujeitos presentes. Reconheço que assumir uma identidade de aluno estagiário foi uma experiência diferente. Pois, no momento do estágio, além de observar e apontar caminhos, tive o papel de trilhar o percurso para as possibilidades, saindo da zona do discurso pelo discurso e caminhando para a reflexão -ação- reflexão. Deste modo, para além de julgar erros e acertos de terceiros, tive o papel de agir segundo concepções teóricas e metodológicas. Me colocando frente à um amadurecimento, pois pude enxergar de perto e sentir literalmente, alguns dos desafios da educação, especificamente na educação de crianças.

REFERÊNCIAS

- Andradé, Lucimary Bernabé Pedrosa de (2010). Tecendo os fios da infância in: Educação Infantil: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- André, Marli Eliza Dalmazo Afonso de (2002). Etnografia da prática escolar. Ed.S. Campinas: Papirus.
- Campos, Maria Malta (1999) - A formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em debate. Educação e Sociedade, Campinas, SP, v. 20, n. 68, p. 126-142, dez.
- Carvalho, S. R (2013). O estágio supervisionado da teoria à prática: reflexões a respeito da epistemologia da prática e estágio com pesquisa, a luz da pedagogia histórico-crítica. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, n. 52, p. 321-339, set.
- Freire, Paulo (2015). Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Pimenta, S e Lima, M (2004). Estágio e Docência. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- Severino, Antonio J (2003). Preparação técnica e formação ético-política dos professores. In: Barbosa, R. L. L. (Org.). Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, p. 71-89.
- Souza, R. Fernandes, M (2016). Os professores regentes frente aos estágios supervisionados: contribuições e desafios deste profissional. Gensaberes, Fortaleza, v. 7.
- Vasquez, A. S(1990). Filosofia da práxis. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.